



GUERRA PSICOLÓGICA e ENGENHARIA SOCIAL

*“Lutar e vencer todas as batalhas não é a glória
suprema. A glória suprema consiste em quebrar a
resistência do inimigo sem lutar.”*

Sun Tzu

Desde os tempos imemoriais o homem procurou se utilizar de meios e expedientes psicológicos como arma contra seu inimigo. O vetor psicológico é tão antigo como a própria humanidade, foi utilizada por Ciro, o Grande, no que hoje conhecemos como Oriente Médio, por César na Gália, por Genghis Khan na Ásia e, talvez, pelo mais famoso, polemico e emblemático operador da Guerra psicológica na sua expressão mais extrema, Vlad III, também cognominado como Vlad Tepes ou Vlad, o Empalador. Defendeu a passagem que separava a Europa dos turcos Otomanos, a região balcânica da Valáquia, atualmente, o Sul da Romênia.

Na Revolução Francesa as ações psicológicas adquiriram dimensões inusitadas e mais complexas, em termos de levantamento em massa, onde os fatores psicossociais passaram a ter uma influencia fundamental nas futuras decisões políticas e militares.

Menos de um século mais tarde, o próprio Marx admitia que : “A guerra é militar em sua última instância, antes, ela é decidida no front econômico e psicológico.” Mais tarde, já no início do século XX, Lenin afirmaria : “Dentro de 50 anos os exércitos não terão mais necessidade de se bater, nós teremos minado suficientemente nossos inimigos para que não seja mais necessário a intervenção militar.”

No entanto, até a primeira metade do século XIX, com raras exceções, as ações psicológicas predominantes consistiam-se de ações violentas visando à desestabilização emocional do inimigo, pelo terror. A partir do incremento dos conhecimentos da mente humana, sua estrutura psicológica e comportamental, bem como do estudo do comportamento das massas, o âmbito da Guerra Psicológica foi se abastecendo de dados advindos desses estudos e se sofisticando.

Gustave Le Bon, sociólogo francês, de forma pioneira, nos estertores do século XIX, fez uma abordagem do comportamento dos grandes grupamentos humanos e dos modos de manipula-los, em sua obra “Psicologia das Massas” de 1895.

Um quase contemporâneo de Le Bon, Edward Bernays, foi o autor da frase que, muito frequentemente, é erroneamente atribuída à Goebbels : “*Uma mentira repetida várias vezes torna-se uma verdade*”. Embora a autoria seja de Bernays, tanto Goebbels como Lenin, e tantos outros ditadores, revolucionários e manipuladores, fizeram muito uso dessa assertiva.

Edward Bernays foi o idealizador pioneiro da cultura de massa. Por meio das técnicas da psicanálise, criadas pelo seu tio, Sigmund Freud, Bernays promoveu significativa mudança na sociedade ao transferir o desejo de consumo motivado pela necessidade, para o desejo de consumo motivado pelo desejo simbólico. Os símbolos são elementos importantes do arsenal da Guerra Psicológica.

A Escola de Frankfurt, fundada em 1923, em seus estudos uniu a psicanálise freudiana ao marxismo, criando assim uma poderosa ferramenta para a chamada reconstrução da realidade, instrumento muito adaptável às Guerras Psicológicas vindouras.

No entanto, o grande centro de produção de armamentos psicossociais prontos e bem acabados, veio a ser o Instituto Tavistock de Londres ou, “Tavistock Institute of Human Relations”, fundado em 1946. Esse instituto, e seus congêneres, desenvolveram as técnicas (armas) psicossociais ao estado da arte e continuam a elaborá-las e desenvolvê-las até hoje.

Na Guerra Psicológica o teatro de operações prioritário passa a não ser mais o terreno físico, mas o cérebro dos indivíduos, e o objetivo final, a sua mente. As táticas e estratégias militares convencionais são substituídas por táticas e estratégias de controle social, mediante a manipulação informativa e a ação psicológica orientada para direcionar a conduta social em massa.

Os alvos já não são físicos (como na guerra tradicional), mas psicológicos e sociais. O objetivo principal já não é a destruição material, como bases militares, soldados e infraestrutura em geral, nem tão pouco o controle de áreas territoriais, mas a conquista da mente humana.

O bombardeio militar é substituído pelo bombardeio midiático: os símbolos e as imagens substituem os mísseis, bombas e projéteis, do campo militar tradicional.

Esses bombardeios midiáticos, por meio da inundação contínua de informações insignificantes, objetivam destruir as etapas do pensamento reflexivo, composto por - Informação, Processamento e Síntese - Pois uma mente dividida e/ou fragmenta com notícias desconectadas entre si, deixará de analisar as pertinências e razões de cada informação e se converterá em consumidor passivo de informação, um indivíduo em alienação controlada.

Nesse cenário de Guerra Psicológica, as grandes cadeias midiáticas fazem o papel dos Porta-Aviões das guerras convencionais e as notícias, imagens e símbolos, devidamente manipulados, são os seus mísseis de última geração, disparados sobre os cérebros da população, agora convertidos em Teatro de Operações. A Guerra Psicológica se torna mais eficaz, se intensificada por uma guerra assimétrica (física) de baixa e média intensidade. Nesse caso, o terror e o medo serão elementos de aprofundamento do processo de fragmentação mental, facilitando o objetivo final do controle.

As possibilidades de êxito de uma Guerra Psicológica são muito amplificadas se forem precedidas por um período de Engenharia Social. A Engenharia Social aplaina o terreno, preparando-o como o teatro de operações ideal de uma Guerra Psicológica.

Engenharia Social

A Engenharia Social, para usar uma expressão do professor de Harvard, Joseph Nye, é a versão “soft power” da Guerra Psicológica e atua em um arco de tempo mais longo e permanente, sendo por essa razão, a ferramenta preferida dos adeptos do gradualismo da Escola Socialista Fabiana.

A Engenharia Social pesquisa e aplica técnicas da psicologia avançada, para moldar as crenças e padrões de comportamento social. A Engenharia Social consiste em manipular para persuadir, é o processo artificial de construção psicossocial de regras de conduta humana para influenciar e manipular, visando o controle da sociedade. Prepara a maioria para a adoção de comportamentos programados e, na medida do possível, padronizados, induzindo opiniões e deslocando o senso comum ao longo do tempo.

O emprego da Engenharia Social é feito, principalmente, por intermédio dos meios de comunicação de massa como, jornais, revistas, TV e literatura. Se bem aplicada, a Engenharia Social torna a Guerra Psicológica desnecessária. O grande efeito multiplicador da Engenharia Social se dá quando, suas próprias vítimas, se tornam agentes inconscientes replicadores de sua implantação. Desarmamento civil, tributação confiscatória e regramento excessivo são exemplos de ações muito comumente empregadas pela Engenharia Social.

Longe de ser uma metodologia aplicada apenas em países de regimes totalitários, a Engenharia Social é muito utilizada nas sociedades de regimes democráticos, aplicada pela própria autoridade governante, visando a consecução de objetivos do governo ou de grupos ligados a este. Pode também ser inserida de fora, por governos e/ou instituições estrangeiras, dentro de um contexto de Guerra de 5ª Geração, sem o conhecimento da autoridade governante local, ou, mediante sua prévia cooptação, contando com a leniência e a cumplicidade dela.

Os valores espirituais e morais de uma sociedade, assim como a sua cultura, constituem a sua linha de defesa natural, os anticorpos, ou ainda, o perímetro de defesa a ser transposto e/ou suprimido, em um contexto de Guerra Psicológica ou de implementação de Engenharia Social. Portanto, o declínio espiritual, moral e cultural facilitam a submissão social a um projeto de poder ou a uma sobreposição de projetos.

Por fim, o texto acima, não tem a pretensão de abarcar todas as vertentes e complexidades da Guerra Psicológica e da Engenharia Social, mas informar, prevenir e despertar a reflexão crítica diante dos cenários sociais novos que se apresentam, nos âmbitos de costumes, ideias e tendências, suscitando, por exemplo, indagações como : Por que, para que e por quem.

Enos Francisco Beolchi
Diretor de Estudos Geopolíticos - ADESG - SP